

REVISTA

# bulunga

setembro de 2024 - número 33



entrevista com um

# Ditador

## EDITORIAL

O desfile de 7 de setembro deste ano repetiu o mesmo público do ano passado, ou seja, nenhum. Sejam os menos cruéis: havia os soldados, que desfilaram em seus carros alegóricos, enquanto a cúpula governista se acomodava sob toldos em seu mundo de Nárnia, acompanhada de oficiais da mais alta patente, enfeitados com suas medalhas conquistadas em batalhas invisíveis, orgulhosos de seus altos salários e benefícios indiretos sem nunca terem precisado enfrentar um único confronto armado.

Parece que os 60% que votaram no atual governo preferiram participar do movimento convocado pelos opositores, mas veículos de comunicação ligados ao poder afirmaram que na Av. Paulista não havia nem 5% do que os vídeos e as fotos PROVARAM com extrema nitidez.

O Brasil não é para os fracos. O cidadão comum tem que ser ninja para sobreviver por essas paragens. É uma terra de aventuras, de perigos iminentes, de emoções à flor da pele. Dar de cara com bandidos nas ruas é moleza: dureza é ter que enfrentar autoridades que desprezam as regras consolidadas e fazem o que bem entendem, causando prejuízos muito maiores do que os mais temidos meliantes seriam capazes.

Como numa obra de Kafka, o sujeito pode ser processado por qualquer motivo, sem que tenha a mínima ideia do que está acontecendo, e trancafiado em uma masmorra sem direito às tranças de Rapunzel.

Em nossa "Entrevista com um Ditador", procuramos, neste 33º exemplar, mostrar um pouco da personalidade de uma ridícula Autoridade que fantasia estar em uma posição intocável, mas que, como uma fruta podre, pode despencar do galho e ser devorado pelos vermes, como rezam as LEIS DA NATUREZA

## OS ET'S ESTÃO CHEGANDO

Nunca se viu tantos OVNI's quanto nos últimos meses ou anos. Toda hora uma nova imagem é postada nas Redes Sociais, mas é uma pena que os caras nunca conseguem firmar nas mãos as suas TekPix, o que faz com que os vídeos saiam uma porcaria, e haveremos de confessar que não é fácil focar objetos tão distantes. Experimente mirar a Lua, que está lá, parada, e verá que não é moleza.

O problema é que essas imagens que chegam para nós, quase que diariamente, na maioria das vezes, são drones, dirigíveis, medidores meteorológicos ou balões de São João, feitos de papel de seda com um recipiente metálico com álcool em chamas, que alguns sujeitos irresponsáveis costumam soltar, provocando sérios incêndios.

E é claro que quem está filmando sabe que não é OVNI coisíssima nenhuma, mas o importante é conseguir os seus likes que, na grande maioria dos casos, não irão monetizar.

A coisa anda tão banalizada que, quando chegarem os ET's de verdade, ninguém vai acreditar.

Algum gaiato afirmou nas Redes Sociais que o primeiro contato com os extraterrestres deverá acontecer em 2025, ou seja, no ano que vem, e assim tem muita gente se dirigindo para os lugares onde normalmente são avistadas as naves, como São Tomé das Letras, Peruíbe, Varginha, Chapada dos Veadeiros e Chapada dos Guimarães, onde os ufólogos amadores aproveitam para fumar uma erva da boa, o que também facilita a avistarem duendes e fadas madrinhas.

Bulunga tem a ousadia de entrevistar um

# Ditador

por Michel Salomão

*Ninguém pediu para ele tomar o poder, não tendo recebido um único voto, que é o que se espera de uma liderança republicana, e até bem pouco tempo nada se sabia acerca de sua existência, a não ser uma rápida participação em um reality show, onde foi eliminado no primeiro paredão, após ter cuspidos na comida dos colegas que estava na geladeira. Mas ele enxergou uma lacuna, uma falha no sistema da Matrix e percebeu que poderia se tornar o grande ditador da República d'os Bananas.*

*Com grande sagacidade, se deu conta de que os juristas nada sabiam acerca da interpretação das Leis, e assim instituiu as suas próprias regras, impondo um regime de intolerância, com a argumentação de que iria combater... a intolerância. Mas poucos se deram conta de seus objetivos maléficos, e o seu poder foi crescendo progressivamente, a ponto de decidir o que a população comeria no almoço, as*



Mao Tsé Tung

*roupas que vestiria e o corte de cabelos que usaria. Ele também faz questão de ser chamado "Vossa Iminência Absoluta Democrática e Onipresente", sem se dar conta de que a população, jocosamente, só utilizaria a sigla "V.I.A.D.O.", ao se referir à Autoridade Máxima do país.*

*Mas vamos à entrevista, antes que ele se irrite e mande nos prender.*



Fidel Castro



Nicolás Maduro

BULUNGA – Fui orientado por seus capangas..., digo, assessores, a chamá-lo de “Vossa Iminência”, mas o correto não seria “Vossa Eminência”?

DITADOR – Não. Prefiro ser conhecido como uma “ameaça”, que é um dos significados do termo “iminente”. Prefiro que as pessoas tenham medo de mim.



abertos, em forma de X, enquanto carrascos coçarão os seus pés e axilas com penas de ganço. É a maneira mais terrível para se morrer, de uma forma lenta e agonizante.

BULUNGA – Qual teria sido a fantástica estratégia utilizada por Vossa Iminência para “tomar o poder”?

DITADOR – Percebi que os parlamentares, os homens das leis e até mesmo os chefes das forças armadas ficavam batendo cabeça acerca da possibilidade de uma eventual invasão estrangeira, que nunca ocorreu, mas não sabiam como lidar com uma situação concreta, uma INVASÃO INTERNA, e foi aí que me dei conta de que poderia agir.

BULUNGA – Vossa Iminência é conhecido por impor penas torturantes aos seus desafetos. A pior delas, até agora, é aquela em que os condenados são obrigados a ouvir as músicas da Anitta e do Pablo Vittar com fones colados com superbonder aos seus ouvidos. Isso não seria muito desproporcional e desumano?

DITADOR – Posso fazer ainda pior. Em breve, pretendo reativar a pena de morte. E será aplicada para esses humoristas que ficam debochando de minha Iminente Autoridade: vou fazê-los MORREREM DE RIR. Eles terão braços e pernas acorrentados totalmente

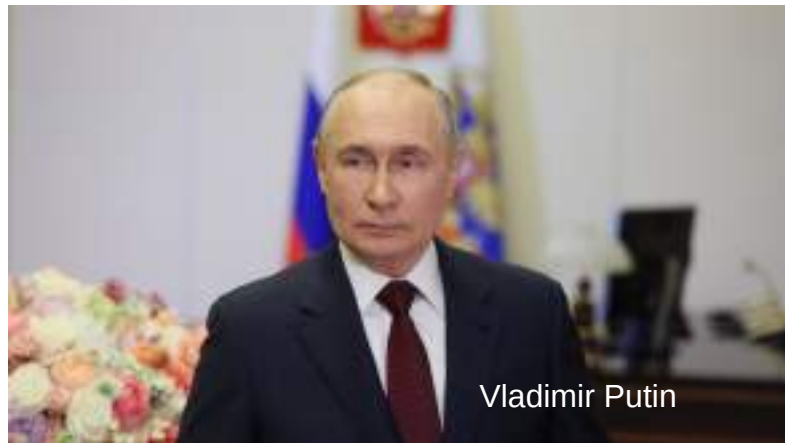


BULUNGA - Um líder de um país vizinho perdeu as eleições, mas se recusou a fazer a apuração dos votos, se declarando vencedor. O senhor considera esse ato democrático?

DITADOR - Sim, sem dúvida, pois, afinal, está garantindo que o país se veja livre das ações de rebeldes. Mas o considero muito tolerante: imagine, promover uma eleição para depois ter que burlar o resultado? Eu decidi que não promoverei mais eleições: me auto-reelegerei indefinidamente.

BULUNGA - O que Vossa Iminência pode dizer de Hitler, Stalin, Mussolini, Idi Amim, Mao, Gaddafi, Pinochet, Cealcescu,





Saddan e Fidel: eram todos democratas?

DITADOR - Grandes líderes! Grandes líderes! Exemplos de democracia, que significa “poder do demo”. Pena que já faleceram. Mas eu não vou morrer. Decretarei para mim mesmo a vida eterna.

BULUNGA – O senhor possui poderes divinos?

DITADOR – Certamente: o que você esperava de uma divindade?

BULUNGA - Vossa Iminência não teme que o povo se rebele?



DITADOR – Jamais! Eles me amam! O que seria do país sem a minha perspicácia e sagacidade?

BULUNGA - O que Vossa Iminência faria se alguém lhe dissesse que não é tão lindo quanto imagina, e que mamãe não gosta de neném que faz travessuras?

DITADOR - Eu mando prender imediatamente! Quem falou isso? Quem foi? Quem foi? Foi você? Foi você?

BULUNGA – Impossível que tal manifestação tenha sido proferida por minha boquinha virginal. Ademais, considero Vossa Iminência um verdadeiro deus!

DITADOR – Gostei disso. Gostei mesmo. Prossiga.

BULUNGA - Quando foi que Vossa Iminência percebeu que era o momento exato para essa “tomada de poder”?



DITADOR - Eu estava em meu gabinete e me deu uma dor de barriga violenta. Fui ao banheiro e soltei um submarino poderoso que entupiu o vaso. Chamei o pessoal da manutenção e resolveram o problema na hora. Até passaram perfuminho. Mais tarde, resolvi repetir a operação: joguei um rolo de papel higiênico no vaso, soquei com um cabo de vassoura e chamei novamente a manutenção.



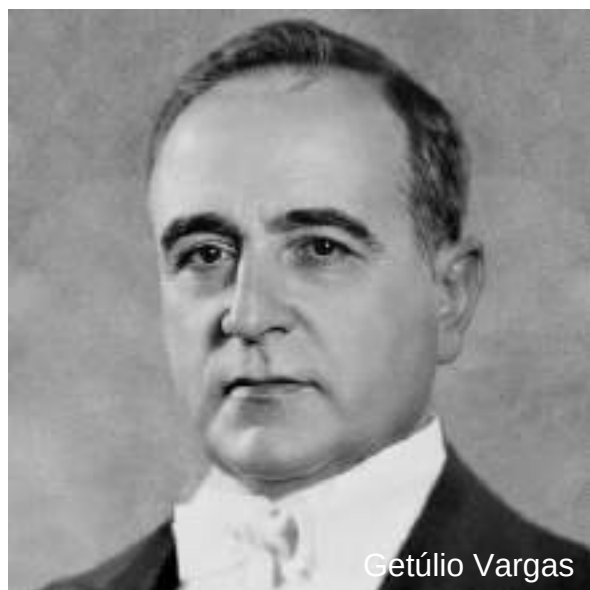
Uma vez mais, foram lá e deixaram tudo impecável. Fiz de novo e o resultado foi o mesmo. Foi aí que me dei conta de que eu poderia fazer o que bem quisesse que as pessoas ao meu redor aceitariam.

BULUNGA – Genial! Genial!

DITADOR – Obrigado! Eu sou o máximo!

BULUNGA – E quanto às eleições para os demais cargos, como Senadores, Deputados, Governadores, Prefeitos, Vereadores... como Vossa Iminência pretende agir com relação a eventuais opositores?

DITADOR - Vou suspender as eleições gerais. Afinal, eu mesmo posso indicar os ocupantes para todos esses cargos. E se não me agradarem, tiro imediatamente.



BULUNGA – Certamente, Vossa Iminência é mesmo muito democrático. E o que dizer dos direitos das minorias, dos excluídos, das diversidades?

DITADOR – Eu quero é que todos vão se lascar. O poder é meu e faço com ele o que quiser. Não preciso ficar mentindo para ganhar votos. Vou mandar bater em todos esses vagabundos. Comigo é assim: “belém, belém, nunca mais fico de bem”...

BULUNGA – Vossa Iminência é muito autêntico.

DITADOR – Quando eu era pequeno,



“mamãe passou açúcar ni mim”...

BULUNGA - Estou vendo uma luzinha vermelha vinda daquela direção. Que estranho! O que será?

DITADOR – Onde? Onde?

BULUNGA - Ela está apontando diretamente para a sua testa...

DITADOR – Não é que é mesmo? Parece com aquelas canetinhas laser com as quais as crianças brincavam.

BULUNGA – Mas acho que... não é bem uma canetinha...

**OUVE-SE UM ESTAMPIDO QUE DETERMINA O FIM DA ENTREVISTA**



# SEINFELD

Seinfeld ... Seinfeld... Você já ouviu este nome? Se não ouviu, não sabe o que está perdendo, pois Seinfeld é o criador e ator principal de uma das melhores séries humorísticas de todos os tempos: Seinfeld! Isso mesmo! A sitcom tem o nome do gênio por trás dela. Mas como tudo começou?

Primeiro, falemos um pouco do ator, comediante, redator, produtor e diretor Jerry Seinfeld. Nasceu em 1954, em New York. Filho de judeus, descendente de família rabínica, Dayan, cuja origem remonta à Síria e ao Império Otomano, quando imigraram para a América em 1917.

Jerome (Jerry) Allen Seinfeld foi voluntário, aos dezesseis anos, a passar uma temporada e trabalhar num Kibutz, em Israel. De volta aos Estados Unidos, formou-se na City University of New York, em 1976, em comunicação e teatro. Nessa época, já se exibia em vários clubes e casas noturnas nova-iorquinas, fazendo humor “stand-up”<sup>1</sup>

No início da década de 1980, chegou a participar da sitcom “Frankie”, para, pouco depois, ser demitido sem aviso. A frustração levou-o a sentenciar aos amigos: somente participaria de outra sitcom caso tivesse o controle total sobre a criação e produção.

Em fins dos anos 80, foi convidado pela NBC a criar e protagonizar um humorístico que basicamente consistia no dia a dia de quatro amigos: a feminista Elaine (Julia Louis-Dreyfus), o neurótico George (Jason Alexander) e o vizinho histriônico e abusado Kramer (Michael Richards). Ao lado deles, Seinfeld, o personagem homônimo, envolvia-se nas mais prosaicas e engraçadas situações, onde o gênio de Jerry e Larry David (cocriador da série) conseguia, literalmente, tirar leite de pedra.

Provavelmente, sem Seinfeld, não haveria outros programas similares, como “Mad About You”, “Friends” e “The Office”, entre tantas a segui-lo: humor simples, natural e repleto de sutilezas, ironia, sarcasmo e deboche, ingredientes presentes e necessários em quase toda boa comédia que se preze.

Neste e em tantos outros aspectos, Seinfeld foi, e ainda é, um grande sucesso, tanto de crítica como audiência, e a inspirar muitas outras sitcoms.

Em várias votações e listas, das melhores séries de todos os tempos, ela figura entre as primeiras, quando não está no alto do topo. Os atores, diretores, produtores ganharam inúmeros prêmios, como o Emmy (10 estatuetas e 68 indicações). Produzida entre 1989 e 1998, os mais de 180 episódios podem ser assistidos em streaming.

Jerry Seinfeld continua a fazer “stand up” ainda hoje, aos 70 anos, recém completados em abril.

---

<sup>1</sup>“Stand up” é o estilo de humor em que o comediante se apresenta sozinho no palco, sem cenários, figurinos, acessórios ou caracterização; no qual se movimenta de pé (origem do nome stand up).

# A Lista de Clark

Jorge F. Isah

Este mundo está estranho, de uma estranheza mórbida, quase institucional. O número de pessoas atormentadas por pouca coisa ou nada é assustador. Quase todo dia se ouve de alguém com depressão, fobias, brigas e instabilidades provocadas por amigos, inimigos e até mesmo desconhecidos. Reclama-se do trabalho que tem e do que não tem. Do emprego e do desemprego. Reclama-se da mulher, dos filhos, da casa. E os que nada têm reclamam por não ter. Se come, engorda. Se não come, emagrece. Se o guarda-roupa está cheio, é problema. Se vazio, um inferno. Não sei onde vamos parar com tantas murmurações, reclames e mimimis. O homem, e a mulher idem, não estão preparados para a vida. Parece que foram criados para viver sem viver. E o absurdo é que, caso vivam, a vida não vale ser vivida. Caso não vivam, era melhor viver, mesmo não sendo lá grande coisa.

Eu, de minha parte, quero me afastar o máximo possível dessa onda de pessimismo, vitimismo e autoflagelação.

Conheço um rapaz que se descobriu autista aos trinta e oito anos. Antes, cursou duas faculdades, fala três idiomas

além da língua pátria, teve ótimo emprego em uma multinacional no setor de marketing, casou-se, três filhos, dois cachorros e uma calopsita; tem apartamento próprio, quitado, na zona sul São Paulo, casa na praia, conhece a América, Europa, Japão e China, mas, após o diagnóstico e a prescrição de quatorze remédios para inibir os efeitos do autismo, chora quando chove, chora quando faz sol, chora de manhã, chora à noite, se diz atormentado pela boa vida que conquistou, tornou-se usuário de drogas, não se considera hétero, divorciou-se, e se arrepende amargamente de ter votado no Bolsonaro, apesar de não ter certeza de fazer o cert, ao votar no oponente em 2022. Para completar, tentou haraquiri duas vezes.

Agora, a mais nova de suas manias é perambular pela Praça da Sé, recolhendo canudinhos de plástico. Segundo disse a uma repórter, a coleta é para evitar a morte atroz das tartarugas marinhas.

Na última consulta, foi-lhe prescrito valproato e carmabazepina para combater manias.

E a lista só vai aumentando...



# O DESCONSTRUCIONISTA

Luiz Libório da Silva

Primeiro, me provaram que não sou macho nem fêmea.

Depois, vieram e rasgaram com uma faca sublime o núcleo da minha visão; disseram estar tirando as escamas dos meus olhos. Me provaram que o sol (eu já o não via) não existia e provaram que a boa brisa sobre a pele era a ilusão fascista dos meus sentidos.

Provaram que minha família (meus irmãos, minha mãe) eram estruturas de poder a demolir na minha consciência inferior; seu cão é seu único companheiro, disseram, e me chamaram pai de pet.

Os professores, disseram, são estes que detêm autoridade sobre a vossa moleira rosada: mate a todos!, eles disseram.

Tudo é arte, tudo é cultura, gritaram, arremessando o estrume basilar que fazia parte da melhor escultura do melhor escultor do nosso tempo.

Depois me convenceram a comprar suas aulas, seus discos, seus ritos.

Hoje já está mais do que provado que não existo.

# Contra a melancolia, a olimpolia



Sammis Reachers

Dia desses me ocorreu uma palavra inusitada. A língua tem disso, vai parindo palavras para abarcar o novo ou o antigo que precisava ser dito, ou dito melhor, ou dito em menos espaço. Pois o sonho de toda expressão é resumir-se em uma palavra, feito um alfabeto que “cresce” até virar ideograma. É de sua espécie, feito cobra trocando couro.

No caso que trazemos em questão, seria uma palavra para contrapor a melancolia. Afinal, que palavra contrapõe melancolia, a prostração melancólica, em nossa língua? Euforia? Não, deixe a euforia lá, descabelada e se divertindo com as amigas. A melancolia é mais profunda e resiliente, precisa de uma contraparte a seu molde. E eis olimpolia. Sim, de Olimpo, aquele monte grego, suposta morada de deuses ruins (humanos demais). Mas o sentido de solaridade que o termo Olimpo, olimpiano, e suas variantes derivativas como olímpico trazem, é incontornável. Assim, olimpolia seria aquele sentimento de positividade não-piegas, não tóxica (recentemente descobrimos: há toxidade na bobice demasiada, na bondade mimoseada

em paramentos de vulnerabilidade). Olimpolia não é alegria, que é até mais pura, atávica, mas acabrunhada de fragilidades. É uma virtude a ser mantida conscientemente, sustentada, um ethos exercitável. Sejam cristalinos: Olimpolia é um otimismo despido das frescuras (opa, um termo quase proscrito por aí).

Um estoicismo que sorri. Sim, pois menos resignado, um ponto menos grave.

Uma euforia disfórica.

Nietzsche, louco ou antes de enlouquecer, falava de vontade de potência. Olimpolia seria exercício de potência, e sua contrita, mas firme celebração.

A skatista que perde o ouro, mas sorri feliz, exulta até (exulta: exatamente aqui está a olimpolia), com o acerto da adversária/colega. Jovem, mas senhora de si, do que é maior, plena das/nas coisas mais importantes. Derrotada, mas senhora de uma outra vitória, difundida na amplitude.

Como poeta, acreditei sempre que há palavras escondidas dentro da luz: Olimpolia é uma das que precisamos. Seja bem-vinda.

\*\*\*\*\*



# A MORTE DA BELEZA

Jorge F. Isah

Em Pacova, a primeira-ministra, Aisó Benevides, decretou o fim da beleza, uma vez que era a mais tirânica e despótica forma de poder, através da qual, por séculos, alguns homens e mulheres sujeitaram a maioria aos seus padrões injustos, preconceituosos e segregários. Por isso, a partir daquela data, estava proibida qualquer manifestação de formosura, elegância, graça e harmonia, em todas as suas formas opressoras: entre as gentes, construções, artes, e havia um projeto para, a longo prazo, tirar tudo o que houvesse de belo na natureza. Não se sabia como ainda, mas uma grande verba pública fora destinada para criar os meios de fazê-lo em todas as esferas e ambientes. Concedeu-se o prazo de trinta dias para todos se adequarem minimamente às decisões. Quem não as cumprisse, seria condenado sumariamente pela Corte e enviado a um dos inúmeros “Campos de Trabalhos Voluntários”, os famosos C.T.V’s, onde além dos tais labores mudanças radicais seriam implementadas aos tipos e aparências que não estivessem enquadrados no escopo da nova política, sem contar as multas desproporcionais e impagáveis.

No princípio, houve um certo alvoroço, não quanto a decisão em si, mas à maneira e meios de se cumpri-la. Couches, terapeutas e analistas comportamentais se dispuseram imediatamente a criar cursos e ministrar aulas onde ensinavam passo-a-passo a transformação para se adequar à nova decisão. Houve o aumento descomunal de tatuadores, bodies piercers e designers de mofa (não é solecismo, nem você está lendo errado), pichadores, incendiários e artistas modernos à la Pollock; quanto mais inexperientes, ao ver geral, melhores seriam

os resultados. Afinal, no dizer dos especialistas, o objetivo era deixar todos e tudo o menos bonito possível, um eufemismo para não se dizer o óbvio.

Aqui e ali, um insurgente aparecia, disposto a burlar ou não cumprir a resolução. O tráfico de tinta hena e a ilicitude de aplicá-la se tornou o novo submundo, porões da ilegalidade, onde drogas, tráfico de mulheres, crianças e órgãos se tornaram negócios legítimos e corriqueiros. Quem fosse pego no transporte, aplicação e uso da tinta estava com os dias contados. Nunca se viu tamanha profusão de peles rabiscadas, escavadas e perfuradas por alfinetes, parafusos, argolas, arruelas, entre outros menos votados.

Também as paredes sofreram as suas cotas de nódoas e besuntos, embosteladas sem dó ou piedade.

Trapos e molambos eram vendidos a preços exorbitantes, com materiais colhidos em lixões ou descartes ilegais, sem qualquer reciclagem, a não ser o aplique das logomarcas famosas.

Cada vez mais, as clínicas antiestéticas empenhavam-se em “desembelezar” clientes 24 horas por dia, 7 dias da semana, no intuito de cumprir as novas regras.

Médicos de várias áreas e especialidades migraram para a cirurgia plástica, e as portas dos blocos cirúrgicos formavam-se filas intermináveis. Planos de saúde públicos e privados concentraram seus esforços, também.

Comissões e tribunais foram instituídos em todos os grotões do país, e Pacova se tornara notícia ao atingir o patamar do país mais feio no ranking recém-inaugurado pela O.E.E. (Organização dos Estados Enfeados), constituída por 9 membros. Era a glória nacional, enquanto as metas suplantavam as expectativas, em tempo recorde.

“Em breve, disse o porta-voz do governo, seremos a nação mais igualitária, fraternária e democrática do mundo, onde não haverá injustiça, pois exterminaremos a tirania da beleza, acabaremos com a opressão yankee, e não mais nos curvaremos à pérfida tradição de distinguir as pessoas pelo viés estético. A revolução está em curso e vencerá qualquer traidor dos ideais mais nobres e caros da soberania nacional e da liberdade a que todos devem obedecer, para atingir o bem geral e comum, em nome da paz, onde os discursos de ódio e os atentados antidemocráticos jamais terão vez! Os imperialistas nos aguardem!”... Ergueu o punho, e ouviu-se a claque, em efusivo apoio.

Meses depois, após o esvaziamento compulsório dos C.T.V's (muitos se converteram às novas políticas sociais, enquanto a minoria rebelde teve outro destino), a primeira-ministra, Aísó Benevides, foi deposta e condenada à prisão perpétua na Ilha das Cobras pelo então Pre-

sidente da Corte e ex-marido, Upi's Benevides. No seu primeiro ato, revogou o decreto da ex-mulher e promulgou uma nova adequação: todos, sem exceção, o teriam como modelo: os cabelos seriam raspados, já que era totalmente careca; os olhos aprofundados, as testas ressaltadas, orelhas macrotizadas e sobrelhas elevadas; e caso houvesse dúvida, outdoors, cartazes, quadros e fotos em tamanho natural seriam espalhados em todos os logradouros, a uma distância mínima de 50 metros um do outro. No início, alguns protestos se ouviram, aqui e acolá, mas a reativação dos C.T.V's pôs fim às oposições. E, bem, não preciso dizer no que deu: o fim da O.E.E., a alegria de barbeiros, otoplastas e especialistas em FUE e FUT.

Por pouco, muito pouco, o país não mudou o nome para Upi'slandia. Na última hora, Benevides se convenceu de não haver nada melhor do que dar uma banana para o povo. E manteve o nome original.

## “A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

[amazon.com.br](http://amazon.com.br) ou [kalamos.com.br](http://kalamos.com.br)

# DIA DE ELEIÇÃO



Dia de eleição é dia de catarse. De expor amigamentos e odianças por esses que o jogo político arregimenta, esses que, por pudor nos negamos a dizer, mas no fundo – sejamos nós letrados ou humildeletras, enricados e pés-de-pano – sabemos que são os piores de nós...

Dia de eleição é dia de desnudamentos, de sangria dos ânimos, de expor os radicais e seus monóculos, sua tobas de ver o mundo por um só viés. Esses de direita e esquerda, em seus extremos tão perigosos – mas não haveria jogo sem eles, afinal, os fominhas da bola.

Dia de eleição é dia de melancolia, e isso nenhum poeta, dos seis mil que conheço ou ao menos tolero, já aventou: Dia máximo de melancolia, ao revisitar velhos caminhos e seções, ao rever rostos de anos, infância até, estudos juntos, tramos, sopapos e beijos trocados.

Dia de eleição é dia de cidadania, essa

obviedade central & inescapável, frenética em seus entra-e-sais quase copulosos, pois desse seu coito na urna, hoje botãonizada, nasce o rebento que nos resguarda, a democracia – mais que este ou aqueloutro ator canastrão que ocupar o cargo que lhe confiarmos.

Dia de eleição é dia de suspense, riso e lágrima, apuração de samba e final de copa, suspiros ou expiros de sonhos, projetos, construtos de luz ou maquiavélicas maquinações. E acerto de conta\$, que o correligionário também come, afinal.

Dia de eleição é dia de socializar – e orar, debater, biritar, conforme a cultura da aldeia: Preocupações ou despreocupações se carnavalizam, entrechocam e abraçam – o outro feito nós na sujeição ao sistema que nos comporta, renovação de ciclo, refundação tumultuosa de nosso pequeno grande mundo citadino.



coluna do

# ClodoKill

Fernandes

## O POSTE NO CACHORRO

Cansado de amanhecer com lixo na porta de casa, resolvi tomar uma atitude. Primeiro, pensei em colocar uma câmera de vigilância para pegar os “espertinhos”, no flagra. Mas fui aconselhado, por um amigo, do perigo, caso alguém denunciasse, e me acusasse de espionagem e uso indevido de imagens.

— É sério! Isso é possível?

— Sim. O uso de câmeras é exclusividade do Estado, ninguém tem mais autorização para captar imagens, salvo de si mesmo e em privado.

Por isso a indústria de vídeos degradingolou e todas as redes sociais foram banidas, assim como emissoras de TV, jornais, cinemas, e o segmento de imagens sobrevivia com os minguados investimentos estatais, únicos a fabricar e comercializar objetos óticos e produções audiovisuais de massa. Havia a indústria clandestina, mas essa certamente era sustentada pela elite burocrata e propositalmente baseada em filmes “XXX”, já que os esportes, novelas e reality shows foram sumariamente defenestrados.

Depois da conversa, optei por algo mais prosaico, e imprimi alguns cartazes, colocando-os no poste, em torno do qual costumeiramente armazenavam os detritos.

Para esclarecer, minha casa é de esquina, o serviço urbano de limpeza faz o recolhimento três vezes por semana, altas horas da noite, quase sempre depois das 22 horas, e mesmo assim, na manhã seguinte, deparava-me com toneladas na calçada.

O poste, onde afixei os cartazes, parecia ser o “marco” para o “bota-fora”.

— Se eu pego o miserável que fez isso!... — Fechava o punho e o erguia, a provar a minha disposição, caso encontrasse o meliante. E corria os olhos em volta, a observar alguém furtivo na janela, portão ou escondido atrás dos ramos de Bougainville ou Coroa-de-Cristo. Nunca vi ninguém, e tudo parecia suspenso no ar, parado e silencioso como em uma fotografia.

Passou-se um tempo, e recebi a visita de um fiscal da prefeitura.

— Bom dia — Ele disse meio sem vontade de dizer.

— Bom dia — Respondi, também indisposto.

Remexeu os papéis, tirou uma folha e me entregou.

— Assine aqui! — Quase o jogou sobre mim.

— O que é isso?! — Disse, sem pegá-lo.

Encarou-me, com ares de poucos amigos, e foi logo dizendo, sem qualquer explicação.

— Multa.

— Multa?! — Proferi embasbacado e sem entender. — Refere-se ao quê?

— Você é o Sr. Jota, certo?

— Sim, sou.

— Então, não existe dúvida, é só assinar.

— Alto lá! — Comecei a me enervar — Multa de quê?

Coçou a cabeça desanimado, como se estivesse diante do maior de todos os palermas no mundo.

— Não se faça de vítima e pobre-coitado!

Estou acostumado com tipos como você. Sabe bem do que estou falando... É só olhar ali! — Apontou para o poste.

— O que tem ele?

— Ai, ai, ai! — Balançou a cabeça e suspirou estafado e impaciente. Olhou para mim, e moveu-se na direção do braço estendido, para a esquina, numa espécie de comando para eu o acompanhar.

Olhei, à procura de algo, mas não havia nada a não ser alguns matinhos entre as frestas do cimento.

Voltou-se ainda mais irritado.

— Não sabe que é proibido colocar cartazes em bens públicos? E espalhar fake news?

— Ah?!

— Isso mesmo, meu senhor! Não é possível ficar impune quando se está a degradar o patrimônio público, a espalhar factoides. Para isso estamos aqui, a fim de zelar pelo bem-estar e salvaguardar os direitos da comunidade, a ordem e o espírito democrático.

Devia parecer um pateta. Estava aturdido, em choque, encurralado pela burocracia estatal, indisposta a quase tudo menos à cobrança de impostos, taxas e multas... sem contar o palavratório, o jeito mais fácil de fazer o cérebro das pessoas rangerem como parafusos apertados à exaustão... até espanarem e não segurar nada além de palavras soltas e estapafúrdias.

— Mas que raios é isso! — A indignação aflorou-me. — Está a dizer que os folgados e incivilizados podem encher a minha calçada de lixo, mas não posso tentar impedi-los?

— O que pensa? Acha que pode tomar a justiça em suas próprias mãos!... Para isso existem os meios legais e democráticos, os inúmeros canais de comunicação entre o governo e os cidadãos. Ninguém pode arvorar-se no direito, que se diga de passagem não tem, de agir como um justiceiro... e espalhar calúnias e boatos nas redes sociais.

— Que redes sociais? Isso é um poste!

— Quem é o senhor para definir o que sejam redes ou um poste? Por acaso tem alguma autoridade que o torne especialista neles?

— Não, não tenho...

— Então, não pode sair por aí opinando sobre o que não sabe e ofender as pessoas ilibadas, de ferir a honra alheia.

— Mas...

— Chega de mais, senhor! Assine logo! Recusei-me.

Nisto, percebi vizinhos diante dos portões, nas outras calçadas. Alguns mais atrevidos estavam quase ao nosso lado.

— Não vou pedir novamente!

— Não peça! Pois, não assino!

Chamou a vizinha, dona Carmem, uma fofqueira inveterada e que eu desconfiava ser uma das depositárias de lixo no meu passeio.

— A senhora me parece uma cidadã exemplar e zelosa, poderia assinar aqui, por favor, como testemunha?

Sem dizer nada, tomou a caneta e assinou o documento. Chamou outro, seu Gilmar, que rubricou o papel também. O fiscal estendeu-me a folha.

— Toma! Tem seis dias para pagar ou vamos arrancar o poste e bloquear as suas postagens. — Foi até o local, tirou um estilete do bolso, e rasgou os cartazes. Embolou-os e lançou-os por cima do meu muro.

— É assim que combatemos os discursos extremistas e antidemocráticos, daqueles que se acham no direito de obstruir e zombar da justiça neste país.

Voltou-se, e encarou-me.

— Seis dias! Nem um minuto a mais! E lembre-se, o descumprimento pode levar a condenação e prisão.

— Mas isso é um absurdo!... Onde estamos?

— É a lei, e o senhor deveria conhecê-la... — Esboçou um riso infame, mas desistiu. — Afinal, o bem é público, mas o prejuízo é sempre privado.

Deu-me as costas.

Pude ouvir o seu Ricardo dizer, após cumprimentar o burocrata:

— Bem feito! — Sem qualquer reserva.

Não é preciso dizer o que aconteceu, nos dias seguintes...

\*\*\*\*\*



um conto de **MICHEL SALOMÃO**

# BOBÔ

## - O RETORNO

Bobô sumiu mais uma vez, mas os vizinhos esperaram um tempo maior antes de darem o alarme: três semanas. Dessa vez, a porta estava trancada. Bateram várias vezes e, por fim, temendo que ela estivesse morta, chamaram um chaveiro para abrir. O que encontraram foi o universo de uma acumuladora.

Da primeira e última vez que entraram no apartamento, durante o recente desaparecimento, já observaram que havia razoável quantidade de quinquilharias resgatadas dos lixos, como sombrinhas furadas, abajures quebrados, bonecas antigas com falhas no cabelo, algumas sem um braço, uma perna ou um olho, bichos de pelúcia velhos, rasgados e sujos, muitos garrafões de água vazios, vasos de ornamentação trincados e faltando pedaços, bolas de futebol furadas, entre outros objetos espalhados pelos cantos, mas desta vez chegaram a ficar surpresos com a quantidade de lixo que ela conseguiu juntar, num breve espaço de tempo entre um desaparecimento e outro. Um dos quartos estava até o teto de quinquilharias, mas também havia montes deles nos outros quartos, nos banheiros, no corredor, na sala, na cozi-

nha e na área de serviço.

Sempre que ela voltava da sua distribuição de petiscos aos cachorros da região, trazia consigo alguns sacos, e os vizinhos chegaram a pensar que seria algo relacionado aos bichinhos, mas só agora se deram conta desse seu “transtorno de acumulação compulsiva”, e que, mesmo gostando tanto de cachorros, estranhamente, não criava um único deles em seu apartamento, embora o condomínio não proibisse.

Um pressentimento os fez se dirigirem ao seu quarto, com o objetivo de desvendarem alguns de seus possíveis segredos, e encontraram em uma caixa de sapatos, escondida nos fundos de seu armário, algumas fotos antigas, do tempo em que era criança, em que aparecia acompanhada de pessoas que poderiam ser seus familiares, dada a semelhança física com algumas delas.

Em uma das fotos, no canto inferior direito, havia um cãozinho esquelético, cor caramelo, e parecia bastante oprimido. Nessa foto, podíamos ver a criança Bobô olhando para o animal com indisfarçável mágoa. Aquilo aguçou a curiosidade dos presentes, que resolveram dividir a tarefa, buscando

por mais explicações em outras caixas, pastas ou envelopes que reviravam com fervor.

Encontraram uma cartela de vacina, indicando que aos 8 anos de idade ela teria tomado uma antirrábica, o que correspondia com a idade que teria na foto. Encontraram, ainda, a foto do bichinho supostamente morto, possivelmente, enforcado com a própria coleira. Por último, encontraram em uma caixa que estava escondida, sob um fundo falso, diversos recortes de jornais mostrando notícias da época que falavam sobre o envenenamento de cachorros nas imediações de Magé.

Em um envelope que estava sob as roupas de cama, verificaram que havia uma pasta com dezenas de cartas antigas, com os papéis amarelados, e um endereço de Magé, e puderam concluir que essa seria a origem de Bobô, antes de migrar para Copacabana.

Os mais afoitos já queriam sentenciar que seria ela a autora das atrocidades praticadas contra os animais, inclusive o próprio cachorrinho de estimação, que a havia mordido, mas um último documento foi capaz de decifrar o enigma: uma carta em que Bobô anunciava para a mãe que estava deixando aquela casa, para nunca mais vol-

tar, por conta das atitudes maléficas da genitora contra os animaizinhos que ela tanto amava.

Porém, foram interrompidos por um barulho na fechadura da porta, que em seguida se abriu: era Bobô, retornando de seu misterioso e prolongado passeio, sem saber que em seu quarto estavam seis de seus vizinhos xeretas, incluindo o chaveiro, sendo que quatro se esconderam debaixo da cama e dois dentro do guarda-roupas, mas ela foi direto para a cozinha, de onde podiam ouvi-la balbuciar “bobô, bobô, bobô, bobô”, enquanto abria e fechava gavetas e mexia na geladeira.

Com o seu passinho lento de tiranossauro rex, foi até o quarto, pegou uma blusa que estava sobre a cama e vestiu-a por cima da camiseta que estava usando, voltou à cozinha, pegou o seu pacote e foi para a rua, distribuir os petiscos para os cães.

Aliviados por certificarem que não tinham uma vizinha psicopata, e muito menos morta, saíram discretamente, retornando ao seu triste anonimato, mas com uma nova descoberta: o nome de Bobô era Gertrudes. Era o que constava do destinatário de algumas das cartas. Mas algumas surpresas ainda poderiam aguardá-los.





# ① casamento de Júlia

Natan de Oliveira

Filhos crescem...  
Rapidamente...

E ela havia se tornado em tudo aquilo que eu queria que ela tivesse se tornado.

Temente ao Pai Celeste...  
Linda...  
Gentil...  
Sorridente...  
E 1000 outros predicados que se você tivesse paciência em ler, eu listaria aqui.

Fomos de carro, eu, minha esposa, ela e meu futuro genro, visitar o local pretendido para as bodas...

Que dia maravilhoso...!  
Que viagem saborosa de ser vivida.

Uma hora e meia de carro...  
Sem pressa, oitenta km/h no máximo...

No meu clássico XSara, que nos últimos 20 anos, me levava para todos os lugares...

Ao chegar, entramos num estreito caminho de pedras que nos levou a um paraíso construído no meio de árvores...

Tudo muito lindo...  
Clássico...

Numa arquitetura que me lembrava a Alemanha ou Áustria, lugares onde nunca estive, mas que eu tinha visto em filmes e fotos.

A casa era feita de várias alas...

Casa principal...

Casa de hóspedes...

Cozinha..

Atelier...

Casa do caseiro...

Das galinhas...

E demais construções que eu não tive tempo de explorar.

Ao redor da casa, um grande gramado que me fizeram lembrar do gramado ao redor da mansão onde viveu outrora o cineasta Charles Chaplin com sua numerosa família...

Caminhamos por ali e olhávamos encantados aquele lindo local...

Saindo da casa num caminho gramado que subia uma pequena colina verdejante, no topo há uma Capela de Pedra com vitrais coloridos onde claro, testei a acústica, cantando um trecho da música "Pai Nosso que estais no céu"...

Na frente da Igreja uma cruz de pedaços de madeira, fui em pose de crucificado, fotografado pela minha Filha que não se continha em esconder que no seu coração já havia escolhido e tinha certeza de onde seria o local que iria se casar...

...

Não sei quando comecei a rascunhar a festa e fazer os cálculos do orçamento de tudo aquilo que eu queria proporcionar para a minha querida Filha...

Não lembro se foi já na viagem de volta à noite, com neblina e chuva, no silêncio do carro escuro depois daquele dia maravilhoso que se encerrava...

Ou se foi no outro dia quando sentado na sala da minha casa, de poucos metros quadrados, adaptada por mim, no que em outros tempos tinha sido o porão e garagem da casa do meu sogro...

Mas os preparativos precisavam ser feitos...

E minha mente não se conteve, impressionado que estava por tão requintado local que tínhamos visitado no dia anterior...

Então pensei...

...

No sábado de manhã quando os parentes mais próximos chegassem para se hospedar e passar o dia no local...

E também depois quando os demais, cerca de 1000 convidados chegassem para a festa, e que estariam hospedados em hotéis da região de Tijucas do Sul, de São José dos Pinhais ou mesmo de Curitiba ou Joinville...

Cerca de 20 empregados estariam esperando todos de uniforme, a saber, numa impecável libré verde com calça preta, e coletes, camisas e gravatas borboleta imaculadamente brancas...

Estariam a disposição para servir bebidas, gostosuras e atender o que fosse que os convidados tivessem o desejo de degustar no decorrer do dia...

Na cozinha, equipes de cozinheira, assistentes diversos, em turnos de 4 equipes a cada 6 horas, estariam assando, cozinhando, e preparando o que o requintado e exótico gosto dos convidados viessem a pedir.

No salão principal um pianista clássico indiano com um turbante azul preso com uma pedra de brilho fulgurante, estaria

Itocando serenatas músicas para que as pessoas de dentro da casa e outras não muito longe, ali no gramado próximo, tivessem um fundo musical para desfrutar daqueles momentos...

5 limusines estariam de prontidão para buscar e levar os convidados hospedados nas cidades já citadas.

Ao lado no vasto gramado, estaria montada uma grande base para receber o pouso de diversos helicópteros que trariam de Araras os parentes do noivo...

Floristas circulariam pelo ambiente preparando tudo com flores e enfeites outros que tornariam o local mais bonito...

Seria possível ouvir o burburinho das crianças correndo pela casa e pelos gramados ao redor...

Dos quartos viriam os gritos e conversas animadas das damas da noiva, que ao se vestirem, teriam ao seu redor costureiras de plantão que fariam os últimos ajustes nos vestidos...

Na entrada jovens arrumariam em centenas de pequenas cestas, bocados de pétalas de rosa que seriam lançadas sobre os nubentes quando eles saíssem para viajar rumo a lua-de-mel que estaria já reservada em requintada vila no interior da Sicília na Itália, com avião já marcado e confirmado, que partiria no dia seguinte, domingo, precisamente às 17:45 minutos, hora local.

No entardecer do dia, antes do escurecer, pois na Capela de Pedra não havia luz, os convidados estariam esperando a noiva chegar...

E ela chegaria no meu Fusca 1971 amarelo colonial, que lentamente guiado por mim se aproximaria de longe, por aquele caminho idílico todo verde, que poderia facilmente ser cenário de filmes de Barbara Cartland...

Enquanto o Fusca lentamente viria em direção à capela de pedra, flamingos que ali elegantemente desfilariam, assustados com o barulho do clássico motor refrigerado a ar do veículo alemão, correriam em direção à lagoa próxima...

Antes do sermão do Reverendo, ao fundo dentro da Capela de Pedra, os convidados ouviriam requintado e famoso tenor cantando “Nessum Dorma”...

Ao final da cerimônia, todos caminhariam em procissão atrás do Fusca que agora enfeitado de dezenas de fitas brancas e latinhas vazias, iria na frente e lideraria a procissão dos demais convidados que caminhariam de volta, descendo da capela em direção ao local da festa...

A escuridão não seria problema pois os empregados de libré verde e branca, indicando nas cores de seus uniformes, o voto de esperança e paz para o futuro dos noivos, estariam dos dois lados do caminho, formando uma trilha iluminada, cada um deles segurando uma discreta tocha acesa na mão...

Na metade do caminho já daria para sentir o cheiro suave de quatro javalis que estariam sendo assados ao redor da casa, girando lentamente sobre o fogo, com uma maçã na boca, salsas nas orelhas e cenouras no c.....

De repente antes que todos chegassem na grande casa, os noivos ficariam em pé na abertura de teto do Fusca, a noiva sorridente acenaria para todos, e todos quase que em uníssono gritariam “Vida longa e feliz aos noivos!”, e outras expressões de júbilo, que não teriam sido ensaiadas por ninguém...

E ato contínuo, o céu “explodiria” em fogos de artifícios coloridos, para deleite dos convidados, e esplendor daquela noite singular que se iniciava...

Ao apagar dos fogos, imediatamente 200 drones desenhariam no céu com suas luzes os dizeres “Mateus e Júlia, forever!”

Enquanto todos maravilhados observassem as luzes dos drones no céu, ao fundo seria possível ouvir a orquestra de quarteto de cordas, violoncelo, viola, primeiro e segundo violinos, tocando “Clair de Lune” de Claude Debussy...

...

“Nataaaaaaaaaan...”

“Nataaaaaaaaaan...”

“Nataaaaaaaaaan...”

Me esforço para focar meu cérebro nos planos...

Entretanto, distraidamente, volto meu olhar para a porta da sala onde eu estava sentado em meus devaneios e planos de bodas...

E vejo minha esposa me chamando...

Olho para ela sem olhar...

Me esforço em voltar para a realidade da nossa humilde sala...

E disfarço minha irritação por ter sido abruptamente retirado daquela que na minha mente eram as bodas de Júlia num local que facilmente poderia ter sido um cenário equivalente a Downtown Abbey...

E com gentileza ouço o que ela está falando comigo...

E ela me diz...

“Querido, você pode parar de ficar aí deitado e sonhando, e vir me ajudar...?”

Com um sorriso amável e hipócrita eu pergunto...

“No que posso te ajudar, querida?”

E ela enterra meus sonhos e devaneios com poucas palavras quando diz...

“O cheiro está ficando insuportável, vai lá fora juntar os cocos dos cachorros...”



**Helvécio S. Pereira**

# Diário de um sujeito

Que uma geração nunca é igual a outra, depende de como se vê, mas é um fato, contrariando o verso da canção do quase padre, compositor e cantor Belchior: "somos iguais aos nossos pais". Portanto, não deveríamos (eu não deveria) nos surpreender com coisas que vemos ao nosso redor, no comportamento das pessoas, mesmo propensos a não nos surpreender, acabamos surpreendendo-nos.

Explico: quando jovens fazemos coisas que, ao olharmos depois, não encontramos o menor sentido e não demonstram grau algum de mínima inteligência; quanto mais a garantia pretensamente científica de "evolução das espécies", especialmente da nossa espécie. O surpreendente, pelo menos para mim, são os agentes não serem "jovens" mas homens barbados, com calombos abdominais, carecas e envelhecidos precocemente, incansáveis na "arte" de passar vergonha e ter atitudes públicas patéticas; nem quero imaginar o que são capazes de fazer em privado.

Há uma tese de a tecnologia moldar a sociedade, fenômeno inevitável, quase um determinismo científico, aquele emprestado e copiado do também determinismo social.

Não é, entre outras coisas, tão fácil tecer uma contestação a uma observação. Pode-se discutir as eventuais explicações, como tudo na vida. Aliás, sobre o que se observa e sobre o que se conclui existe muitas vezes uma distância cósmica. Sobre isso, lembro de um fato narrado sobre um evento com um casal de filhos quando ainda muito pequenos. Essa minha colega é formada em balé, psicologia e letras. Daí, e por todas essas formações e profissões, é uma pessoa observadora e retém boas e más coisas, capaz de extrair boas lições quase sempre.

Certo dia, apressada em preparar as crianças para deixá-las em determinado lugar, não me lembro se com a avó ou em alguma escola infantil, resolveu dar banho nos dois juntos, e não separadamente. O menino, hoje um formoso dentista gabaritado, pai e esposo, ao olhar a irmãzinha, hoje também uma belíssima e formosa mulher, desandou em um choro desesperado. Entre lágrimas e lamentos disse à mãe de chofre:

— Cortaram o passarinho da Nini!

Vamos chamá-lo de Dr. X. Baseado na sua precoce e inteligente observação, notou não haver na irmã o mesmo penduricalho que ele tinha entre as pernas. Levando-se em conta a tenra idade, o ainda prematuro médico, não foi preciso em sua conclusão? Ou alguém poderia dizer o contrário? Só os neo-comunas e wokes se atrevem a contestar o óbvio. Assim ocorre com a ciência, que tem a sua utilidade tecnológica, mas erroneamente se atreve a explicar tudo, até mesmo o que não lhe foi pedido explicar. Como a ideologia é religião sem Deus, a ciência, ou mais exatamente o cientificismo, é o esforço "bêbado" ou irracional de explicar tudo.

Mas voltando a gênese deste texto, depois do longo aposto, eu havia dito que as pessoas ainda me assustam, quando penso já estar suficientemente vacinado. Entretanto, não é bem assim.

Em minhas idas e vindas no transporte coletivo, um cantor que aparentava alguma qualidade artística, adentrou o ônibus e cantou uma música de outro compositor mineiro. Após uma fala agradável e uma mensagem positiva aos passageiros que se amontoavam apertados no ônibus, se pôs a fazer o que se propôs: cantar e aceitar(pedir) alguma doação, qualquer uma. Isso não é novidade em quaisquer cidades do mundo,

onde se é permitido, mesmo que nem sempre seja legalizado. Bem, o que se seguiu, não me entra na cabeça! Posso estar tão fora de compasso que eles estejam certos e eu seja o único errado: os marmanjos continuaram com aquele “cachimbinho” enfiado nos ouvidos, alheios a tudo, sem dar a mínima. E, pior, aposto algumas cervejas, mesmo não sendo adepto do etilismo, que as músicas, as canções ouvidas por fios ou bluetooth, eram bem piores que a do cantor, que a interpretou bem, tecnicamente, mesmo em pé no coletivo.

A alienação pandêmica é uma disfunção moderna, e faz as pessoas trocarem um show ao vivo, com um bom tema e certa dose de sensibilidade, menos importante do que os grunhidos de um porco peidorreiro ou o ronco do bêbado; afinal, não era um funk depravado, e a canção tinha boa melodia, letra poética e acordes e filigranas bem executadas ao violão afinadíssimo. O

cantor entoou-a empregando vibratos bem colocados e voz afinada... Mas trocaram tudo isso por um pop em inglês que, convenhamos, posso apostar de novo, ninguém ali dominava o idioma, as palavras eram sons indistintos, sequer tema, ou o contexto atual do pop da terra do tio Sam. Acaba que o virtual toma ares de real; de não ser mas fingir ser, e o artificial vale mais do que a realidade.

Não é um caso isolado. Observo as pessoas e os acontecimentos, seja ao vivo, seja na mídia. O número de bizarrices, algumas terminando em tragédias, entendam-se mortes, não é exatamente aquilo que se espera de uma "evolução da nossa espécie" ou de pessoas minimamente adultas, ops, quero dizer, maduras. Por essa e por outras, o Ocidente está definitivamente em franca decadência e isso de alguma forma acabará em algum tipo de implosão social. O futuro dirá se eu e vocês estamos certos, e os outros não passam de macacos de circo.

A *Óptica Metrópole*  
está de **casa nova!**

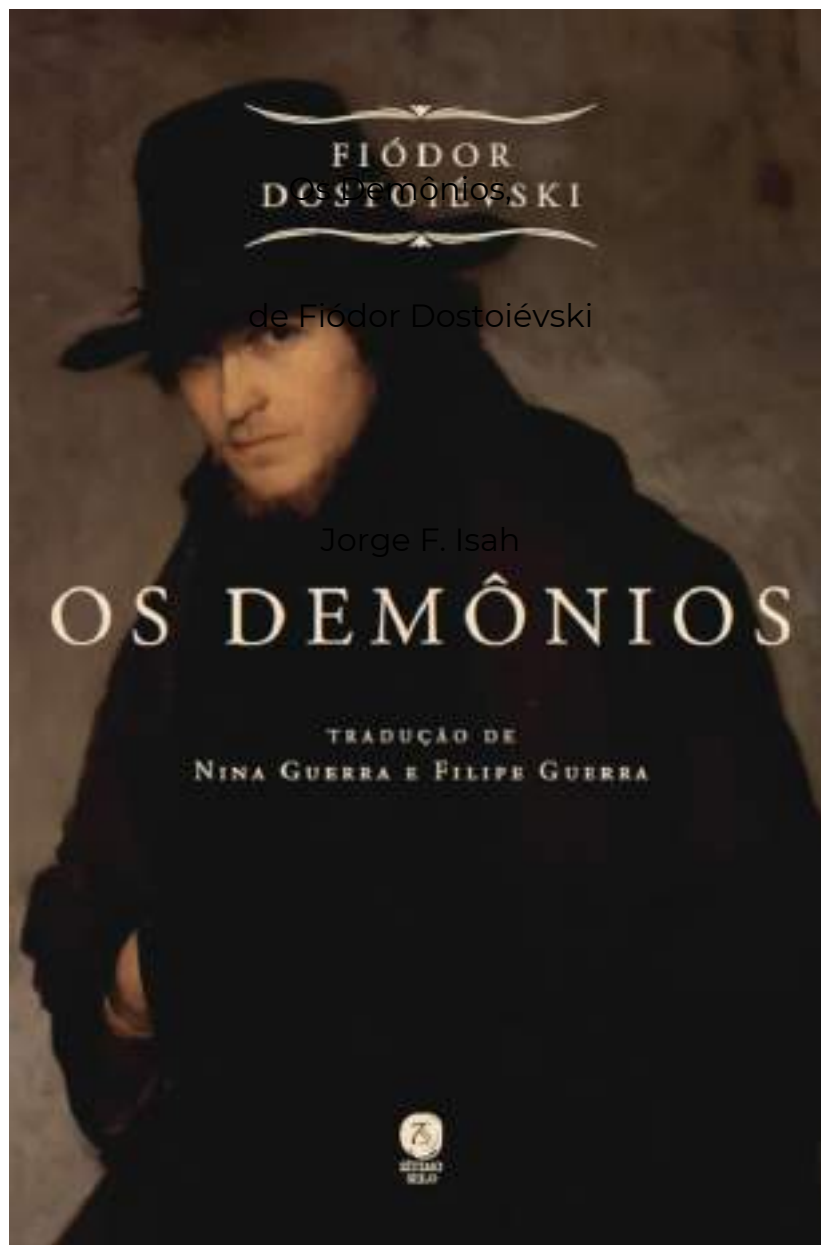
NOVO ENDEREÇO

**Shopping 5ª Avenida**

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1396  
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 994821525





Antes de entrar propriamente na narrativa, algo a me incomodar sobremaneira na leitura (ebook) foi o trabalho de produção e diagramação da Sétimo Selo, algo deplorável e irritante. Além de pequenos erros ortográficos, havia uma constante “unificação” das palavras, ligadas umas às outras, a acontecer mais de uma vez em cada página; não me recordo se houve ao menos uma a não conter o erro e tornar a leitura desagradável, truncada, como se fosse um “caça-palavras”. Ademais, ultimamente, tenho percebido um trabalho desleixado e sofrível quanto à produção de vários ebooks na Amazon. Talvez por haver necessidade de corte de gastos ou mesmo autores independentes não se prestarem a contratar um profissional e fazerem eles mesmos a revisão, a verdade é que os trabalhos editoriais têm perdido muita qualidade. Esse

certamente é o senão da obra.

Gostei bastante da tradução direta do russo para o português de Nina e Felipe Guerra; comparando alguns trechos com a tradução do Oleg de Almeida, não percebi diferenças em sentido e intensões deixados pelo autor. Enfim, o problema não é a tradução, mas revisão e diagramação relapsas.

Quanto ao livro, como já devem saber, fui leitor assíduo do russo em minha adolescência e juventude. É verdade não ter sido capaz de absorver a centésima parte dos sentidos. Na medida do possível, tenho relido as suas principais obras, e agregado novas e inéditas traduções.

O que dizer de “Os Demônios”? Talvez seja o livro mais profético de Dostoiévski. Com a precisão de um “oráculo” ele descreve não somente os primórdios mas os desdobramentos do que se viria a conhecer

como a Revolução Russa e as demais a seguirem-na no universo marxista. O que para a maioria, ainda hoje, era inconcebível e improvável, para alguém capaz de penetrar na alma, sabedor de haver um estado de “depravação total”, colher as informações do passado (desde o Éden à Revolução Francesa), e os seminais passos dos revolucionários utópicos e “científicos” ou messiânicos, era de se esperar coisa que não prestasse. Na mesma toada, se você tem o “privilégio” de ouvir um funk carioca, crianças do maternal em poses e gestos dignos de “escorts”, a malandragem geral, censuras, perseguições, o fim da ordem, dos valores como família e igreja; a divinização do homem e a “morte” de Deus, todos esses elementos e muitos outros eram propostos e defendidos nos insurgentes do “Círculo”, o grupo com ímpetos de incendiar a Rússia.

Engana-se quem espera um livro apenas político, pois Dostoiévski é, sobretudo, o leitor da humanidade, o observador das relações interpessoais e movimentos sociais, o crítico dos fúteis e vaidosos e também dos orgulhosos e irritadiços, descrentes em Deus e crentes em si mesmos. Seja para o bem quanto o mal, ele os dissecou, sob a ação de Cristo, dos apóstolos e da igreja. Para ele, a verdadeira redenção é individual, a partir do arrependimento (vide Vierkhoviénski, pai, saído do ateísmo místico e ativista para a verdade do Evangelho), jamais coletiva, e nela reside a verdadeira salvação ou solução para os dilemas da vida. Com isso, não insinua a extinção dos impasses; ao menos se terá o norte correto e absoluto ao qual se deve guiar e buscar. Perguntas que muitos de nós ainda fazemos, e gerações futuras farão, respondeu-nas Dostoiévski, não a partir de sistemas ideológicos e teóricos, mas pela realidade, a vivência, inclusive quando tais sistemas se perpetravam. Há quem não queira ver mas, para ele, não existe solução além de Cristo e o Cristianismo. Ao não reconhecer a própria fragilidade, os próprios erros e pecados, e buscá-los no outro, o homem se torna invariavelmente no pior dos animais.

Para situar o leitor, sem entrar nos pormenores da história, ela se baseia em um fato ocorrido na Rússia, em 1868, quando um grupo de revolucionários marxistas (no livro, “o círculo”) trama e executa a morte de um dos seus dissidentes. Este é o start de Dostoiévski para construir o romance, e a partir do destrinchar dos fatos, descobrir-se-á o envolvimento da quadrilha em outros crimes tão ou mais bárbaros.

O líder, Vierkhoviénski, filho, (alusão ao próprio diabo) em sua inveja, perfídia, manipulação e inflexível crueldade, revela o quanto sistemas “messiânicos”, com o fim de resolver todos os problemas do mundo a fórceps, pela violência, se valendo da presunção e arrogância das pessoas, independente da classe social, tornou-o em um dos mais malignos personagens da literatura. Ele seduz e, melifluamente, induz aristocratas (Varvara e Yúlia), assim como populares (Lipútin, Virguinski), ou idólatras (Erkel e Tolkatchenko), enquanto nutre um sentimento ambíguo pelo seu ídolo, Stavróguin.

Em um momento crítico, quando havia dúvidas em relação à execução da tarefa, Vierkhoviénski, filho, ordena:

“Ai daquele, entre os senhores, que tente agora fugir! Nenhum dos senhores tem o direito de abandonar a causa! Podem dar-lhe os beijinhos que quiserem, mas não têm o direito de trair a causa comum pela garantia de uma palavra de honra! Isso é o que fazem os porcos subornados pelo governo!... Subornados, meus senhores, são todos os que se acovardam no momento do perigo. Por medo, encontra-se sempre um imbecil que, no último momento, correrá gritando: ‘Ah, perdoai-me, mas vou trair toda a gente!’... Além disso, não poderiam fugir da outra espada. Ora, a outra espada é mais afiada do que a do governo.”

Neste trecho, a coação é uma arma poderosa de manipulação. Contudo, nenhum dos envolvidos é inocente, todos são culpados: fúteis e esnobes fidalgos quanto trabalhadores, pobres e utilitários. Todos, via de regra, se viram emaranhados

na própria teia. Foram presas fáceis do próprio ufanismo, ao não perceber o quanto eram vulneráveis e suscetíveis aos apelos falsos e controladores. Não havia inocência mas soberba e empáfia, na esperança de serem o “novo homem”, construído à força pelo delírio ideológico acrítico, e assim alcançar o paraíso terreno. Para isso, era fundamental a dessacralização, a extinção do divino, a negação do absoluto, do Messias, e, sem rejeitá-los, como pavimentar o caminho sangrento e tortuoso e disruptivo? Fazer da utopia outro desastre humano? O Éden a se repetir novamente; uma coleta onde a sacola não tem fundo.

Tal qual hoje em dia, a rotulação do certo e errado é “relativa”, a depender dos interesses e o quão benéfico pode ser negar ou desvirtuá-los, era fundamental, um samba do crioulo-doido. Da mesma forma, tornar moral em imoral e vice-versa conferia e garantiria a lealdade cega e a consciência mantida em coma. Tudo a fim de garantir uma “fé” indubitável no movimento, e tornar os sectários em eficientes e dóceis guerrilheiros adestrados. Na maioria das vezes, os iludidos são tão somente aqueles a não ver o que lhes está posto diante dos olhos, e se empenham em enxergar além do horizonte, em um futuro a repetir em hipérboles o presente não sentido, não reconhecido, ou simplesmente vislumbrado, ao imaginar não haver o bem, logo, o mal

também inexistirá. Como Santo Agostinho disse, o mal é a ausência do bem, e alimentar um é enfraquecer o outro. Portanto, prescindir do bem não exclui o mal, antes o emancipa e robustece, e a consequente desumanização nada mais é do que a tentação de fraudar, aniquilar o direito natural. Com isso, se criam tantas aberrações e distorções quanto a

consciência produz ao distanciar-se da verdade. Dostoiévski cria na pessoa de Cristo, no seu Evangelho, como a suprema expressão da moral e da ética no mundo.

Muitos leem “Os Demônios” apenas pelo viés político, quando vai além desse escopo. Sobretudo, fala das relações a degradingolar e lançar caos, angústia e dores aos personagens, e quais deveriam ser os seus papéis no mundo, se não fosse controlado por “anjos caídos”. Mas o diabo, assim como Piotr Stepánovitch, fugiu de cena e deixou o trabalho sujo nas mãos dos assecclas.

E a história expandiu-se, e virou ela mesma muitas outras histórias... e tragédias.

Jorge F. Isah

---

Avaliação: (\*\*\*\*\*)

Título: Os Demônios

Autor: Fiódor Dostoiévski

Editora: Sétimo Selo

Páginas: 1.150





# papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

- “Eu sou um pecador!”

Ah, mas assim fica muito fácil dizer que é cristão, sendo um pecador, dirão os incrédulos, e com certa razão, pois nós, cristãos, deveríamos ter um diferencial, que seria a ausência ou menor incidência de pecados, mas nem mesmo os maiores nomes da Bíblia, como Abraão, Isaque e Jacó, e também Noé, Moisés, Arão, o Rei Davi, o Rei Salomão, entre outros, que cometeram os mais variados pecados, conseguiram evitar, e o que esperar de nós, seres insignificantes que mal conseguimos superar o nosso vício em café e chocolate?

Jesus disse para a mulher adúltera: “vá e não peques mais”. Mas é bem provável que ela tenha voltado a pecar, não necessariamente com a prática do adultério, mas com outros pecados diferentes.

Pecamos quando nos irritarmos com o 27º pedinte que nos aborda nas ruas das grandes cidades, por entendermos que se dividirmos todo o nosso dinheiro entre os necessitados, ficaremos tão miseráveis quanto eles.

Pecamos quando nos enfurecemos com uma “fechada” no trânsito, e pro-

ferirmos aos gritos palavras diferentes de “aleluia” e “misericórdia”.

Pecamos quando desejamos que aquele ditador seja imediatamente desencarnado, e que o país se veja livre de sua tirania.

Pecamos quando comparamos o nosso fusquinha com o esportivo caríssimo recentemente adquirido pelo nosso vizinho.

Pecamos quando desejamos sexualmente aquela adolescente linda que não é para o nosso bico.

Pecamos quando comemos mais do que a nossa volumosa pança aguenta.

Poderia enumerar mais 2836 pecados diferentes, alguns mais graves, outros menos, mas Deus não discrimina nossas falhas pela sua dimensão: pecou, se lascou. Ainda há uma saída, como fizeram os mencionados heróis bíblicos, que é PEDIR PERDÃO. O problema é que isso não garante que seremos perdoados. O critério é exclusivamente dEle. Mas se for pedido com SINCERIDADE, em nome de Jesus, Ele é um bom PAI, Ele nos ama, e o nos perdoará.

Por isso é bom ser cristão.

# O velho e a praia – Parte VI

Jorge F. Isah

Quatro e quinze da madrugada. Ouviu ao longe o som de muitas vozes. Não se sentia sonolento. Não teve uma noite normal, pois acordou algumas vezes apreensivo, quase em vigília, com os pensamentos fortuitos, mas persistentes; ora uma coisa, ora outra, nada que não pudesse esperar o dia chegar, mas a obstinarem-se na intermitência do sono e da vigia, onde um parecia o mero desenrolar do outro e vice-versa, num estado de cochilo inquieto. Coube-lhe distinguir uma voz, depois outra, e mais outra, então se combinaram e não era mais uma e outra, mas uníssono e coeso apelo. Não foi preciso mais de dois ou três segundos para se amplificarem; não de forma gradual, mas arremetida.

— Lurdinha!...Lurdinhaaa! — O coral, sem alcançar a devida afinação, se punha a sobrepesar o repouso dos vizinhos; e os cães a suscitarem latidos e rosnados num tipo de Repente onde, certamente, não haveria vencedores.

Um veículo passou a esmagar, raspar o calçamento e buzinou duas vezes.

Virou-se à esquerda, e o ressonar dela era profundo e espesso, sem se dar conta de nada. Tocou-a uma vez. Duas. Suave. Não acordou. Imprimiu força e balançou-a sutilmente. Nada. O ronquejar diminuiu. E as vozes, lá fora, avolumavam e se fundiam quase em ajuste coeso, nada harmônico mas dissonante, tal qual o estranho amontoado de sons atonais de Schoenberg, no silêncio venerável da escuridão, à mercê do sacrilégio dos perturbados e inconvenientes, dos excessos de homens e animais. Balançou-a pujante, disposto a embargar e dissuadi-la do empedernido alheamento, dominada por esferas letárgicas e vagas, mas capaz de serem intensas e penetrantes.

— Que foi?!... Que é isso?! — O susto quase a fez pular da cama. Soltou um grito comedido mas aflito, em sua fleuma.

— Eles chegaram. — Antenor disse circunspecto.

Não entendia o porquê de virem mais cedo e não em hora mais propícia e menos serena. Parecia até caso pensado, com o propósito inequívoco de se exibirem. Mas conhecendo a esposa, sabia haver na maioria deles o mesmo sentimento de urgência quanto a praticamente tudo. Quase todos eles não se davam por satisfeitos se não rivalizavam com o tempo, na esperança de atrasá-lo ou aprisionar que fosse um único instante, e assim deixá-lo um pouco mais lento, como se corresse para trás... Óbvio não haver essa constatação, era algo inconsciente e instintivo, como se possível colocar o carro à frente dos bois. No íntimo, julgavam fraqueza ou desleixo não agirem às pressas, como a disputar um conflito eterno, fracionado em segundos e minutos, o tempo sempre a atacar e devorá-los, e de não serem páreos... Não percebiam a esterilidade das ações, as falhas e insucessos de perder as lembranças e cair no esquecimento... em meio ao encabular e aborrecer de quem não estivesse interessado na disputa e, mesmo assim, sendo forçoso o engajar-se... numa peleja inglória, o eclipse dos lapsos.

— Estão chamando há muito... Vão acabar despertando os vizinhos.

— Por que não me acordou antes? — Agitara-se, e empunhava um tom censurador, de pouco ligar para os moradores adjacentes e muito mais para o tempo gasto no sono, ao invés de empenhar-se em contê-lo.

— Tentar, eu tentei...

Não se fez de rogada, na verdade, a maioria das vezes não o ouvia, ou fingia não o ouvir, seja por não entender suas sutilezas, conforme o próprio se definia, seja por não se interessar no que dissesse, desde que não fosse nitidamente com o fim de aborrecê-la.

— E por que não faz nada direito?! — Puxou

um casaco sobre o pijama, calçou as chinelas, abriu a porta do quarto e correu, quase em disparada, em direção à cozinha, onde ficavam as chaves das portas e portão... Em dois ou três minutos, ouviam-se as saudações, abraços e ajustes para os dois carros ocuparem a garagem, ladeados ao nosso.

Virou-se para o canto, colocou a cabeça entre o colchão e o travesseiro e tentou dormir finalmente. Os passos e conversas espalharam-se pela casa junto ao arrastar de móveis, malas, solas.

— Vou fazer um café! — Lurdinha antecipou-se.

— Vou dormir no carro. — Disse um.

— Eu também. — Concordou outro.

E assim, uns foram à cozinha aquecer-se e faltar-se nas iguarias compradas na véspera, enquanto os sonolentos estiravam-se nos dois sofás-camas ou ajeitavam-se nos bancos dos veículos. Houve quem pensou em levar uma barraca e instalá-la no quintal, mas, ao saber, Antenor discordou:

— Nada disso, mulher! Aqui não é camping! Mandem se virar!

Ela não insistiu. Sabia não ser prudente, nem mesmo para ela. Disse mais por dizer, como se, diante da menor possibilidade de concordância do marido, talvez estivesse errada em opor-se à ideia. No fim, precaveu-se em deixar evidenciada a negativa, e de não haver a menor chance de o pedido vingar.

— Nada feito! Ele não quer e ponto final! — Proferiu taxativa, por telefone.

Trataram então de alugar uma casa, na mesma rua, de frente à praia, suficiente para oito pessoas, mas nada a impedir os doze e ainda outros dois a chegarem sem qualquer constrangimento.

— Mas o caseiro disse apenas oito adultos — Antenor iniciou.

— Onde cabe oito, cabe doze — Peremptória, não deu ouvidos a esposa.

— Mas e se o homem reclamar?

Ela o olhou cismada.

— Não esquentar! Ele vai deixar.

Na cabeça do marido, havia a dúvida quanto

às convicções da mulher, e a inoportuna possibilidade de se ver obrigado a acomodar quatro ou mais dos parentes. Haveria a ruptura da paz e tranquilidade, da rotina se deslocar para tão distante que demoraria dias ou semanas para restabelecê-la. Onde leria? Faria os estudos? Meditaria?... Cinco deles já estavam quase surdos, e dois usavam aparelhos auditivos... Mesmo com as engenhocas nas orelhas, e acabam por se esquecerem, invariavelmente, de colocá-las, eram necessários berros e gritos a fim deles escutarem. Era quase uma consequência natural de quando se atravessavam os sessenta e alguns anos, a descambar na contradição dos tímpanos e garganta, onde a ineficácia do primeiro significava o infalível acerrar do segundo. Contudo, graças a Deus, o caseiro ao deparar-se com o bando de velhos, meio surdos, meio histriônicos, meio exaltados, meio letárgicos, meio distantes, meio interessados, meio um pouco de tudo e meio um pouco de nada, convenceu-se de que, diante deles, não ia adiantar se opor; quando não se pode com eles, una-se a eles! E a melhor política, quando as coisas não tinham solução, era considerá-las resolvidas. E esses dois pontos atravessaram o raciocínio prático do homem, e se viu logo com uma lata de cerveja à mão, presente do irmão caçula de Lurdinha, sempre às voltas em angariar a simpatia alheia, numa espécie de substituto para os seus desregramentos. O caseiro agradeceu, sem entender muito bem a razão do gesto, e tratou de depositá-la na sua geladeira, pois ainda não era uma boa hora para comemorar, quando eles estavam apenas se instalando... nada de contar com o ovo no fiofó da galinha, era o ditado prudente e repetido várias vezes por suas avós e pais.

— Vou esperar mais um pouco, e ver no que dá.

E antes de abrir o frizer, encostou o recipiente gelado ao rosto. Um alívio imediato surgiu, para depois se intensificar. E num muxoxo, lançou-a no compartimento de gelo, sem se dar conta de a birra estar prestes a se congelar.

## PESADELOS E DEVANEIOS DE JOKO ANWAR O ASILO

Vi a chamada de uma série indonésia que está sendo exibida na NETFLIX e pensei: isso é ruim. O título era “Pesadelos e Devaneios de Joko Anwar”, e o primeiro episódio, “O ASILO”. Resolvi assistir, pois precisava desse sacrifício para escrever para a coluna “Spoilers”.

Posso dizer que, até a metade, o filme é razoável, e mostra o drama de um cara pobre cuja mãe idosa, que começa a apresentar os primeiros sintomas de senilidade, morava em sua casa, na companhia da esposa e do filho pequeno. Em uma dessas “desconexões”, a velha pegou o filho deles e o levou para o terraço do prédio, deixando a criança lá, em cima de um banquinho. Os pais saíram desesperados e encontraram com a velha, que não se lembrava de nada. É obvio que o menino se debruçou no parapeito e já ia despencando lá embaixo, quando a mãe chegou e o pegou pelos pés.



O filho da velhota já vinha conversando com a esposa sobre a possibilidade de colocar a mãe em um asilo, mas que era muito caro, até que ficou sabendo de uma casa destinada aos milionários que reservava umas vagas 0800 para alguns pobretões. E lá foi ele para saber como funcionava o esquema, e foi atendido por uma enfermeira mal-humorada e esquisita que tentou dissuadi-lo da ideia, mas uma outra enfermeira, essa

toda boazinha, o convenceu que seria legal. E é claro que o cara foi na onda dessa última, pois estava decidido a se livrar da velha.

No dia de desovar a velhota, ela chorou um muito, se debateu, rolou no chão, mas ele nem tchum. Durante a noite, teve um pesadelo, aonde ele chegava de madrugada no asilo e encontrava a mãe sendo esquartejada por um homem empunhando um facão. Aí bateu um ar-



repentimento, e assim decidiu ir até o asilo, em plena madrugada. Chegando ao local, tudo era que nem o pesadelo: o corredor interno, as portas dos quartos, mas naquele em que estaria a mãe, com o cara do facão, estava vazio.

Ele foi até o final do corredor e viu que um grupo animado fazia uma festinha em um salão, e a atendente boazinha foi até ele e conseguiu dissuadi-lo da ideia de levar a mãe embora. E ele fez que saiu, mas depois voltou.



Seguindo um dos participantes da festa, viu quando ele entrou em um armário, que tinha uma passagem secreta, que levava até um grande salão onde dezenas de pessoas vestidas com uma capa que tinha um gorro iluminado com uma luz em neon, enquanto, ao fundo, dois bebês monstrinhos gigantes ficavam colados na parede, e aqueles encapuzados colocavam de um lado o filho e do outro o pai ou a mãe. Os monstrinhos colocavam as suas garras nas têmporas de ambos, e os pais ficavam jovens e os filhos “murchavam” até virarem um montinho seco. Foi aí que ele se deu conta de que todos aqueles que estavam na festa eram os idosos “rejuvenescidos”. Nada mais justo, de acordo com a moral do filme, pois, afinal, os filhos haviam abandonado os pais.

Aí ele tentou correr, levando a mãe no colo, mas foi pego e colocado nas garras dos monstrinhos, mas a mãe não aceitou e disse para o filho correr. Ele pegou um fósforo, jogou nas cortinas e o fogo se espalhou instantaneamente, como se estivessem embebidas em gasolina, uma coisa espantosa, e os monstrinhos se queimaram, juntamente com a mãe do protagonista, que nem sei o nome do ator, e dois demais par-



ticipantes da baixaria.

Como se não bastasse, na cena final, a câmera vai percorrendo o terreno incendiado e, do nada, se levanta uma mão dos escombros, dando a entender que haveria uma continuação. É um dos recursos mais manjados de filmes de terror, e o diretor ou os produtores devem ter pensado que seria a maneira mais fácil para dar um sustinho nos distraídos.

É claro que não vou assistir os demais episódios, mesmo sabendo que o diretor é considerado uma promessa do cinema indonésio. Promessa de fracasso, só pode ser.



Iniciada a partida de futebol, os times começam a se movimentar pelo gramado, até que dois jogadores adversários entram na disputa da bola, e o árbitro marca pênalti em desfavor do Time Visitante, mesmo sabendo que a jogada aconteceu no meio do campo, o que fez com o que o técnico peça para acionar o VAR, e por isso é expulso.

O jogador escalado para bater o pênalti erra o chute, mas ainda assim o árbitro diz que foi gol, criando a “teoria da intencionalidade”, ao sustentar que a bola foi direcionada às traves, mas que, por fatores externos, como o vento (não ventava), a chuva (o céu estava límpido) ou uma andorinha ocasionalmente voando pelo local (à noite?), fez com que a bola se desviasse de seu rumo certo, e que por isso deveria ser gol.

Em seguida, anula quatro finalizações do time visitante, todas elas legítimas, e expulsa quatro jogadores que teriam questionado suas atitudes, encerrando o jogo aos

# FOI GOL?



22 minutos do segundo tempo.

O Visitante entra com um recurso e por isso é multado em R\$50 mil, além de ser proibido de disputar os oito próximos campeonatos. O Time da Casa sagra-se vencedor, e descobre-se, posteriormente, que o jogador ao qual foi atribuído o gol que garantiu a vitória não havia cumprido a suspensão de três partidas, mas, ainda assim, o resultado é validado.



# coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

**Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpa se vai chover ou fazer calor.**

*Nelson, as eleições estão chegando e ainda não sei em quem irei votar: tem o candidato que **desconfio** que não fará nada pelo povo, e o outro, **certamente** não fará nada pelo povo. Qual devo escolher?*

**NELSON** - Já que você está CERTO de que o segundo candidato não fará nada pelo povo, eu escolheria esse, pois poderá ser melhor do que o outro, que é um enigma, e que poderá fazer alguma coisa CONTRA o povo.

*Eu me casei com uma mulher linda, mas depois as pessoas me falaram que ela era horrível, e fez um monte de cirurgias plásticas para ficar linda. Agora tenho medo de ter um filho com ela e a criança possa nascer horrível.*

**NELSON** – Você precisará fazer um teste de horribilidade, para saber o quanto de sua feiura acrescentará à genética da criança. Se o pai e a mãe forem horríveis, a chance da criança ser monstruosa é muito grande.

*Nelson, eu não gosto de trabalhar, mas aprecio carros de luxo, roupas caras, bons restaurantes e viagens internacionais. Qual a chance de conseguir tudo isso, sem me esforçar muito?*

**NELSON** – Compre uma bolsa pequena, com alça, e comece a rodá-la, encostada em um poste. Acredito que, assim, poderá obter algum resultado.

*Eu sou o oitavo filho de uma família de sete irmãs. Dizem que isso não é bom, pois posso virar lobisomem. Você acha que isso faz algum sentido?*

**NELSON** – Criado com sete irmãs, em uma casa onde o universo feminino é predominante, não acredito que vire um lobisomem, mas aconselho a entrar em um armário, trancar a porta e eliminar a chave.

*Nelson, tenho uma irmã que é muito invejosa. Tudo o que minha mãe compra para mim, tem que comprar igual para ela, mas ela pega sempre o meu e tenho que ficar com o dela, ou ela dá o maior chique. Isso tem solução?*

**NELSON** - Peça para a sua mãe preparar um belo pacote contendo bombons de chocolate para ela e bolas de cocô para você. Abra o seu pacote animadamente e finja que vai comer uma das bolas, e ela tomará da sua mão para comer. Isso fará com que reflita.

*Tenho uma revista literária digital, com conteúdo variado e de boa qualidade, distribuída gratuitamente, mas por mais que me esforce, ninguém se interessa em acessar o seu conteúdo. Acha que devo desistir?*

**NELSON** – Sim, acho. Tente fazer algumas dancinhas ridículas no Tik-Tok, pois isso pode dar melhores resultados.

ENVIE SUAS PERGUNTAS OU COMENTÁRIOS PARA NELSON TRAMONTINA, PELO E-MAIL [revistabulunga@gmail.com](mailto:revistabulunga@gmail.com)